



CIÊNCIAS HUMANAS

O enunciado da juventude digitalizada:

youtubers fabricando modos de ser jovem a partir de um dispositivo de juventude

The digitalized youth statement: *youtubers making young people inside the youth device*

Guilherme Rego Rockembach¹, Bárbara Hees Garré²

RESUMO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado, produzida no Programa de Pós-Graduação em Educação/MPET, do IFSul. O objetivo desta pesquisa foi analisar a fabricação de uma população dita “Jovem” na atualidade. Pretendeu-se, neste trabalho, investigar algumas construções/modalidades discursivas que vêm atravessando e constituindo essa população dita jovem, principalmente na internet, especificamente no YouTube. Tal análise buscou colocar em movimento algumas ferramentas da análise do discurso Foucaultiana. O trabalho analítico, aqui apresentado, problematiza um enunciado muito potente que auxilia na fabricação do dispositivo de juventude: o enunciado da juventude digitalizada.

Palavras-chave: Educação; jovem/juventude; pedagogias culturais; youtubers; modos de subjetivação.

ABSTRACT

This work is part of a master's research, produced in the Postgraduate Program in Education / MPET, in IFSul. The objective of this research was to analyze the manufacture of a population called “Young” today. This work aimed to investigate some discursive constructions / modalities that have been going through and constituting this so-called young population, mainly on the internet, specifically on YouTube. Such analysis sought to set in motion some Foucaultian discourse analysis tools. The analytical work presented here problematizes a very powerful statement that assists in the fabrication of the youth device: the digitized youth statement.

Keywords: Education; youth / youth; cultural pedagogies; youtubers; modes of subjectivation.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, campus Litoral – Núcleo de Tecnologia da Informação, Tramandaí/RS – Brasil. E-mail: guirrock@gmail.com

² Programa de Pós-graduação em Educação – PPGEduc, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia – MPET, Instituto Federal Sul-rio-grandense – IFSul, campus Pelotas/RS – Brasil. E-mail: barbaragarre@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Somos constantemente “convidados” a adotar determinados comportamentos e a condescender com determinadas compreensões do mundo. Esses apelos vão desde a indicação do tipo de vestimenta que devemos usar, de qual música escutar, de qual comida comer, até compreensões éticas do que é certo e do que é errado. Entre os modos de subjetivação que colaboram para a constituição dos sujeitos, as mídias têm um lugar de destaque. Segundo Fischer (2002), o “dispositivo pedagógico da mídia” funciona como um artefato cultural pedagógico que produz subjetividades.

[...] esse modo muito concreto de formar, de constituir sujeitos sociais, através da prática cotidiana de produzir e consumir produtos televisivos, parece constituir um "conjunto estratégico" novo, como diria Michel Foucault, e que pode ser traduzido através da cumplicidade material e simbólica da mídia com seus públicos, possível de ser analisada e descrita a partir de uma operação sobre os produtos que ela veicula. (FISCHER, 2002, p.71) [grifos da autora].

Nesse contexto, podemos inferir que as mídias digitais (redes sociais e demais mídias veiculadas pela WEB), devido ao seu caráter de ampla abrangência, constituem-se como uma potente estratégia de constituição de sujeitos na atualidade. Os jovens, por estarem constantemente conectados a esse tipo de mídia, são potencialmente interpelados por estilos de vida ali disseminados. Segundo a “Pesquisa Brasileira de Mídia 2016”, aproximadamente 80% das pessoas entre 16 e 24 anos acessa a internet diariamente, sendo que 70% do total dos usuários utilizam a internet para atividades sociais. Vale destacar que olhamos para as mídias digitais sem atribuir a ela caráter repressor de ideologias em uma abordagem crítica, mas olhando para o quanto ela é produtiva enquanto parte dos artefatos pedagógicos da cultura que estão aptos “a nos ensinarem modos de ser a partir da regulação de nossas condutas.” (ANDRADE, 2016, p.31).

Compreendemos o sujeito como “sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a.” (FOUCAULT, 1995, p.235). Desse modo, entendemos que os sujeitos são constituídos, entre outros, a partir de discursos, que, para Foucault são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos.” (FOUCAULT, 2008b, p.55). Nas mídias digitais diversos discursos ganham espaço, destaque e reverberação, em especial, percebemos uma reverberação de discursividades sobre o jovem e de como se vive a juventude. Diferentes sujeitos têm sido capturados por essas discursividades, as mais diversas idades, gêneros e classes sociais, tanto os mais novos quanto os mais velhos, parecendo existir uma vontade de juventude. Para Neto (2015) essa captura dos sujeitos se dá através de um conjunto complexo de artefatos sociais que subjetivam os sujeitos, segundo ele, parece existir um “dispositivo de juventude”. Nessa correnteza, podemos pensar em alguns modos de subjetivação de uma população dita jovem a partir de diversos dispositivos, artefatos e instituições. A música, a escola, a moda, a família, a literatura, as políticas públicas, o cinema e a mídia são alguns exemplos. Nestes lugares circulam discursos que fabricam determinadas verdades a respeito de como se é jovem na atualidade.



Dadas as primeiras balizas organizamos este trabalho da seguinte maneira: na próxima seção operacionalizamos com o conceito de dispositivo (FOUCAULT, 2015a), mostrando parte da ampla rede discursiva e não discursiva que se engendra na constituição da juventude. Em “O dispositivo de juventude e o dispositivo pedagógico da mídia articulados por meio do youtube” problematizamos o YouTube como espaço de produção de subjetividades jovens. Na seção “Alguns enunciados que auxiliam na fabricação do dispositivo de juventude” discutimos enunciados encontrados no material empírico da pesquisa. Em “Considerações finais” enfatizamos os principais pontos levantados pelo trabalho e os impactos da pesquisa nos sujeitos pesquisadores.

2. O DISPOSITIVO DE JUVENTUDE PRODUZINDO MODALIDADES JOVENS

Foucault operou em sua obra com o conceito de dispositivo voltado, entre outros, para a sexualidade. O filósofo mostrou quanto ao longo dos anos foi se tecendo em torno do sexo linhas de força que fizeram dele objeto do saber que funcionaram/funcionam como estratégia de controle dos indivíduos e das populações. Embora este conceito tenha feito parte dos estudos de Foucault por um longo período, o estudioso não teve a preocupação de deixar uma definição fechada deste termo, no entanto algumas pistas podem ser encontradas em seus escritos, aulas e entrevistas, de como essa ferramenta pode ser utilizada. Em entrevista, Foucault anuncia que o dispositivo é:

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 2015b, p.364).

Em “A história da sexualidade: a vontade de saber”, Foucault buscou apresentar as modificações históricas a respeito da sexualidade, tanto do ponto de vista discursivo quanto dos saberes constituídos, seja de sua interdição, repressão ou incitação. Ao apontar para esta rede múltipla de saberes, relações de poder e força, Foucault nos provoca a pensar a respeito do quanto essas linhas de força auxiliam a colocar em funcionamento determinado discurso, ou seja, produzem verdades que constituem o modo de ser e de agir dos sujeitos em sociedade. Foucault (2015a) faz relação entre elementos importantes que são condição de possibilidade para a existência de um dispositivo da sexualidade. Entre eles estão a medicina, a pedagogia, a sexologia e a psicanálise que desenvolveram saberes sobre o sexo, culminando em verdades que são colocadas em prática nas relações de poder, tais como a regulação das condutas de procriação, a psiquiatrização de prazeres ditos perversos, a pedagogização do sexo de crianças e a histerização da mulher.

O dispositivo está intrinsecamente ligado aos conceitos Foucaultianos de discurso, saber e poder, pois é por meio deles que essa ampla rede de produção de subjetividades circula e funciona. Para Foucault, os conceitos e proposições estão “sempre inscrito[s] em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam”.



Para Foucault o dispositivo é “estratégia de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles.” (FOUCAULT, 2015b, p.367).

Agamben (2005) auxilia na compreensão de dispositivo ao procurar responder à pergunta “O que é um dispositivo?”. Primeiramente, o autor trata da aproximação do dispositivo com o discurso que, segundo ele, está para além do linguístico: “É um conjunto heterogêneo, que inclui virtualmente qualquer coisa, linguístico e não linguístico no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de segurança, proposições filosóficas, etc.” Em seguida, Agamben faz o mesmo movimento em direção às relações de poder e saber. “O dispositivo tem sempre função estratégica concreta e se inscreve numa relação de poder [...] Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber.” (AGAMBEN, 2005, p.9). Nesse sentido, podemos pensar no funcionamento do dispositivo por meio da circulação de saberes no interior das relações de poder, carregando por meio do discurso verdades que incitam e regulam modos de vida.

Só pode haver certos tipos de sujeito de conhecimento, certas ordens de verdade, certos domínios de saber a partir de condições políticas que são o solo em que se formam o sujeito, os domínios de saber e as relações com a verdade. (FOUCAULT, 2002, p.27).

Para possibilitar a atualização e manutenção do dispositivo Deleuze (1996) afirma sua composição por linhas de visibilidade, de enunciação, de subjetivação e de força. Tais linhas seriam responsáveis pelo funcionamento do dispositivo, capturando os sujeitos por meio das visibilidades e enunciabilidades que os subjetivam e ainda que possibilitam escapes, para que possíveis resistências sejam reconhecidas e após a atualização destes mecanismos que os sujeitos resistentes sejam (re)capturados.

Os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de brecha, de fissura, de fractura, que se entrecruzam e se misturam, acabando uma por dar nas outras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento. (DELEUZE, 1996, p.89).

A mídia pode ser observada como espaço potente de subjetivação dos sujeitos. Tal compreensão está diretamente relacionada ao que Fischer (2002) denomina de “Dispositivo pedagógico da mídia”. Segundo a autora, a mídia opera como potente espaço de constituição de sujeitos e subjetividades, “na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à “educação” das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem.” (p.152). Nesse sentido, podemos pensar no dispositivo pedagógico da mídia atravessando os demais dispositivos, mantendo dessa forma uma relação com os demais, de existência, de manutenção e, até, de certa dependência. Essa característica corrobora com o que Marcelo (2009) destacou como sendo particularidade do dispositivo, que é a articulação com outros dispositivos.

Neto (2015) apontou para a existência de um dispositivo voltado para a juventude na modernidade. Segundo o autor, a juventude passou a ser objeto de governo na medida em que uma rede de discursos e práticas passaram a surtir efeitos de normalização das condutas e comportamentos dos indivíduos e da coletividade. Segundo o autor, ao trazer para a análise “a construção do sujeito juventude, estamos



considerando que os discursos e os sujeitos se constroem no interior de relações sociais e políticas específicas.” (NETO, 2015, p.11, [grifos do autor]). Sendo assim, podemos pensar que a compreensão de juventude foi construída ao longo do tempo, de acordo com as condições sociais que deram sustentação para o aparecimento de um ou de outro modo de ser jovem. Partindo desta compreensão, podemos pensar que o dispositivo de juventude vem se modificando ao longo dos anos, dando conta de abranger, e ao mesmo tempo produzir, as mais variadas modalidades de juventude que foram se constituindo nos interstícios históricos.

A juventude que buscamos investigar neste trabalho é a que se aproxima da compreensão de “jovens intermináveis” (CANEVACCI, 2005, p.29), onde “cada jovem, ou melhor, cada ser humano, cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como não-terminada e inclusive como “não-terminável”, ou seja, não está delimitada e definida por tabelas fixas, mas está na vontade de cada indivíduo de se sentir pertencente a essa população. Esse tipo de olhar se volta para a juventude como algo que supera a questão etária que definia essa geração em relação às outras, como a juventude ser uma transição da infância para a vida adulta. Segundo Canevacci (2005) a passagem da juventude para o mundo dito dos adultos tornou-se algo indeciso, e que reduzir a idade a um ciclo, especialmente o jovem a taxas demográficas não daria conta na atualidade de expressar esse novo sentido dado à juventude.

A divisão etária é um ato político, as modernas fases da vida, como infância, adolescência, juventude, velhice, não são questões estanques ligadas ao fato biológico do envelhecimento que seriam trazidas à consciência pela razão e pela ciência, mas parte de dispositivos que governam e através dos quais se produz e se conduz subjetividades. A juventude passou a ser considerada uma fase da vida compreendida no processo de amadurecimento que leva o indivíduo da infância para a maturidade adulta, logo, passou a ser atrelada principalmente a questões de idade, de corpo, de moradia e de estudo. A partir desse deslocamento histórico, a juventude passa a ser separada da infância, como uma fase onde os sujeitos precisam se preparar para serem adultos, ou seja, fase que “envolve a interiorização dos preceitos em dever ser”.

No Brasil, a institucionalização da juventude como objeto e sujeito de políticas públicas é recente, tal fato ocorre da virada da década de 1980 para 1990 e se deu, principalmente, em decorrência da redemocratização nacional, pela percepção de alguns setores sociais do jovem como segmento estratégico para o desenvolvimento do país e por ser considerada uma população suscetível a determinados riscos. Em boa parte do século XX, o poder público brasileiro se baseou em premissas desenvolvimentistas e no controle das condutas dos jovens “desviantes”. Um dos primeiros documentos oficiais voltado para os jovens foi o Código de Menores, publicado em 1927. Este código, também conhecido como Código Mello de Barros, propunha a moralização do indivíduo e da ordem social. Em 1979 foi publicado o novo Código de Menores, que permitia ao Estado reprimir e reintegrar todas as crianças e jovens que pudessem oferecer risco à ordem pública. Estes sujeitos eram recolhidos e tinham suas condutas corrigidas em instituições específicas para este fim, é então que surgem a FEBEM, a FUNABEM (centros socioeducativos) e outros.



Em 1990 o código de Menores de 1979 é substituído pelo ECA. Vários programas de governo foram propostos focalizando a situação de vulnerabilidade e exclusão social, abordando a juventude como risco. Muitos dos programas abordavam o uso de drogas, a criminalidade, a exposição a contextos de violências tais como a exploração do trabalho infantil e a exploração sexual. A juventude no Brasil começou a ter contornos mais bem delimitados no cenário político e legal com a Lei n. 11.129/2005, que institui a criação da Política Nacional de Juventude (PNJ), o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE) e a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) são exemplos das ações governamentais voltadas para a população jovem. Em 2013 foi sancionada a Lei 12.852/2013, conhecida como o Estatuto da Juventude. O Estatuto da Juventude estabelece a responsabilidade dos governos municipais, estaduais e federal na execução de políticas para juventude. O Estatuto da Juventude considera como jovem os sujeitos entre 15 anos e 29 anos. Essa visão geral das modificações no aparato legal auxilia na representação das mudanças que ocorreram no entendimento da sociedade brasileira acerca da juventude. Esses instrumentos além de demarcá-la, a fim de garantir os direitos dos jovens e a promoção de políticas públicas, apresentam uma ampliação da noção de juventude no que diz respeito à faixa etária.

A partir da categorização da juventude começam a surgir discursos científicos, sociológicos, filosóficos e psicológicos que sustentam que o “problema do homem”, vinculado a sua perversão, muitas vezes, está relacionado com a juventude. Tais campos do saber começaram a se interessar, também, pelas condições de vida de jovens e sua relação com os fenômenos sociais de desvio de conduta e “anormalidade”. De acordo com Andrade (2008) discursividades tem produzido ao longo do tempo um duplo sentido sobre a juventude. De um lado uma positividade extrema, do outro, extrema negatividade.

Nessa perspectiva, a juventude vem carregada de uma ideia de energia, rapidez, saúde e de habilidades que perdemos com o passar do tempo. Em outro extremo, os ditos carregam vários sentidos de negatividade: a juventude pode ser perigosa, difícil, uma posição implicada com vulnerabilidades e riscos. (ANDRADE, 2008, p.78).

Para mapearmos o conjunto de elementos que fizeram com que o dispositivo de juventude se fabricasse ao longo do tempo torna-se necessário buscar na história interstícios que constituíram solo positivo para que o processo longo e heterogêneo pudesse irromper. A emergência da juventude como faixa etária e como população foi um fato importante no que diz respeito à implantação e funcionamento do dispositivo de juventude, no entanto, é necessário olhar para o “acontecimento” histórico que possibilitou que saberes e relações de poder se articulassem culminando na trama heterogênea que se tece em torno da juventude na atualidade. Entendendo acontecimento não como algum ponto fixo na história que serviria como divisor de águas, mas como conjunto de fatos que, articulados, possibilitam que determinada condição social se estabeleça. Curiosamente, ao buscarmos possíveis pistas de um começo, fomos inspirados por alguns “fins” destacados por Canevacci (2005): o fim do trabalho; o fim do corpo e o fim das faixas etárias. Começamos pelo fim do trabalho.

As sociedades historicamente foram pautadas pelo trabalho. Na idade média a economia e a sociedade eram predominantemente sustentadas pelo trabalho braçal e



agrário, na sociedade feudal, a produção e consumo se limitavam ao que fosse produzido no interior dos feudos pelos servos, nos séculos XVIII e princípio do XIX a economia estava na mão de obra eram controladas pela burguesia. Entre os anos de 1820 e de 1840 houve evoluções no sistema de produção, substituindo o trabalho manual e artesanal por máquinas a vapor, acompanhadas de reivindicações dos trabalhadores por melhores condições de trabalho que culminaram no que conhecemos como revolução industrial.

A revolução industrial iniciou um processo de substituição da mão de obra humana pela das máquinas. Canevacci (2005) afirma que tal cenário pode ser caracterizado por um novo período histórico em que os seres humanos serão liberados das tarefas enfadonhas, fatigantes e repetitivas. Libertação de tal tipo de atividades pode dar espaço para a difusão de outro tipo de trabalho, de cunho criativo e individual. Essa característica corresponde bem à sociedade atual onde a tecnologia cada vez mais substitui atividades humanas, acompanhadas de novas atividades e profissões que têm surgido (*youtubers, gamers etc.*). Para Canevacci (2005) essa condição social dilata a transição da juventude para a vida adulta, desmoronando as delimitações anteriormente claras, exatas e fixas que o trabalho, agora morto, estabelecia.

O corpo, limitado ao organismo biológico, também não existe mais segundo Canevacci (2005). O entendimento de corpo sempre foi atravessado por significados simbólicos, o que por si só já nos permite pensar que não está limitado ao biológico. Nessa correnteza, as tecnologias têm funcionado como extensão/complemento/parte do corpo dos seres humanos desde a invenção das primeiras ferramentas. Assim como no caso do trabalho, as novas tecnologias têm substituído funções no cotidiano das pessoas, é só pensarmos a quantidade de coisas que fazemos com os nossos *smartphones*, por exemplo.

Na atualidade, com a ampla utilização das redes sociais digitais, podemos ampliar ainda mais o entendimento acerca do corpo. As contas nas redes sociais podem ser consideradas como extensão dos corpos dos usuários. Nesses espaços os sujeitos se preocupam com sua aparência física e comportamental, expondo imagens e comportamentos aceitos. Na correnteza do que Debord (1997) considerou como uma “sociedade do espetáculo”, podemos relacionar esse “fim do corpo” como uma característica dessa sociedade onde a produção e consumo midiático é espaço onde esse “novo corpo” se manifesta, contempla e é contemplado.

Para finalizar, o “fim das faixas etárias”. No decorrer dos anos os estudos antropológicos conheceram, desenvolveram saberes, classificaram e dividiram os seres humanos em faixas etárias. A principal característica das faixas etárias é categorizar os indivíduos de acordo com elementos biológicos e comportamentais. A juventude, enquanto faixa etária, foi caracterizada pela fase onde os indivíduos estavam em transição da infância para a vida adulta. Entre os elementos dessa transição estão os fatores biológicos, voltados principalmente para as questões sexuais. Outro aspecto que caracterizou a juventude enquanto faixa etária foram os ritos de passagem para vida adulta. Entre os ritos conhecidos estão o casamento, a entrada no mercado de trabalho e o fim dos estudos. Na atualidade, cada vez mais esses ciclos bem definidos estão em decadência.



Esses três fins (corpo, trabalho e faixa etária) refletem bem características das modalidades jovens que compreendem o dispositivo de juventude. A ideia de corpo limitada ao biológico contrasta com a utilização maciça das tecnologias na vida das pessoas em substituição de processos analógicos. O prazer e o trabalho juntos, superando a ideia do “ganho do pão” por meio do suor. Esses fins caracterizam a emergência de uma juventude plural, que insurgiu durante esse processo, e que responde às condições sociais da atualidade, se apresentando como estilo de vida.

3. O DISPOSITIVO DE JUVENTUDE E O DISPOSITIVO PEDAGÓGICO DA MÍDIA ARTICULADOS POR MEIO DO YOUTUBE

O *YouTube* é um site norte americano de compartilhamento de vídeos, que foi criado inicialmente por alguns amigos para trocar vídeos entre si. O serviço foi comprado pela *Google* por US\$ 1,65 bilhão, em novembro de 2006, mesmo ano em que foi eleito pela revista estadunidense *Time* como a melhor invenção do ano. Para a revista, o serviço foi capaz de “criar uma nova forma para milhões de pessoas se entreterem, se educarem e se chocarem de uma maneira como nunca foi vista³”. Na época, já eram visualizados mais de 100 milhões de vídeos e 70 mil novos vídeos eram postados na plataforma por dia. A revista *Time* em sua análise acerca do *YouTube* afirmou que a plataforma participou de três revoluções propiciadas pela internet: a produção de vídeos e a popularização das câmeras digitais e softwares simples de edição; potencializou a chamada Web 2.0, possibilitando maior participação dos internautas; uma revolução cultural que permite a qualquer pessoa do mundo divulgar na web, sem censura, o conteúdo que produziu. A plataforma funciona disponibilizando aos seus usuários um canal onde ele pode publicar seus vídeos, possibilitando a todos os usuários que quiserem se tornar protagonistas.

O *YouTube* funciona como parte de uma ampla rede de artefatos que corroboram na reverberação de discursos. Os discursos que circulam nos canais da plataforma atravessam os sujeitos, os constituindo, moldando e conformando. Desse modo, no que diz respeito a juventude, as discursividades em análise atravessam esses sujeitos e também os produzem nessa rede discursiva que se constitui em torno da própria juventude. A partir destes entendimentos, escolhemos alguns canais entendendo que suas publicações são potentes estratégias que conduzem a vida dos sujeitos jovens, produzindo verdades e sentidos. Interessa-nos compreender, ainda, que discursividades são essas e de que modo elas se engendram para a constituição de modos de ser e viver a juventude.

Com o intuito de operar com algumas ferramentas da análise do discurso sobre as formações discursivas que se engendram na constituição de modalidades de juventude que circulam nos canais mais populares do *YouTube* definimos formas de delimitar material para análise, ou seja, quais canais seriam alvo de nossa investigação. Os canais dos *youtubers* foram escolhidos de acordo com a popularidade dos mesmos. Para mapear a popularidade destes canais utilizamos duas fontes de informação que tínhamos contato a época e que entendíamos como bastante relevantes. A primeira fonte foi o “Prêmio Jovem brasileiro 2017” (PBJ). Segundo o site

³ Reportagem disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,,AA1340903-6174-363,00.html>>. Acesso em: 18 jan. 2018.



do PBJ o Prêmio teve sua primeira edição em 2002, em comemoração ao Dia do Jovem (13/04), Dia Internacional do Jovem Trabalhador (24/04), Dia Mundial da Juventude (12/08) e Dia da Juventude do Brasil (22/09). Este concurso visa premiar o protagonismo de jovens brasileiros no último ano em diversas áreas. Os premiados são indicados pela votação do público na internet e por uma comissão especial, constituída por jornalistas, colunistas e críticos. Os jovens disputam entre si em diversas categorias, tais como: humor, esporte & *fitness*, internet, moda, música, TV, cinema, *games*, *youtuber* etc. A categoria do prêmio utilizada como referência foi a de “Melhor *youtuber*”. Os vencedores foram o Whindersson Nunes, que tem um canal com seu nome e Kéfera, do canal 5incominutos.

A segunda fonte de referência foi uma pesquisa desenvolvida pela Rede *Snack*, uma rede brasileira que produz, cria e agencia canais para o *YouTube*. Foram utilizadas algumas métricas para determinar os *Youtubers* mais influentes do mundo. Tais métricas foram o número de inscritos nos canais, número de visualizações dos vídeos, quantidade de gostei e não gostei⁴ atribuídas aos vídeos deles. A pesquisa apontou para os 100 (cem) *Youtubers* mais influentes do mundo. Entre eles 24 (vinte e quatro) são brasileiros. O segundo lugar foi para o Whindersson Nunes e o Terceiro Lugar foi para Felipe Neto.

Considerando tais apontamentos foram escolhidos como fonte do material empírico os canais de três *Youtubers* entre os mais populares da atualidade segundo estas duas fontes: Whindersson Nunes - com mais de 26 (vinte e seis) milhões de inscritos em seu canal - Kéfera - com mais de 11 (onze) milhões de inscritos em seu canal 5incominutos - e Felipe Neto - com mais de 18 (dezoito) milhões de inscritos em seu canal. Entendemos que todos esses dados são temporários e que são apenas uma fotografia da atualidade, pois tais referências estão em constante mudança (consultado em 21/01/2018). Esses *youtubers*, por exemplo, podem vir a perder tal popularidade, no entanto, na atualidade, são expressivos no cenário do *YouTube*, atingindo milhões de pessoas ditas jovens.

Nessa perspectiva, definimos os seguintes parâmetros para a escolha do material: vídeos mais visualizados - entendendo que alcançaram muitas pessoas e que possivelmente interessaram os espectadores; vídeos que em uma primeira análise já demonstravam estar em consonância com um discurso de estilo de vida jovem; vídeos da mesma temática, que no caso foram escolhidas paródias. Foram definidos os seguintes vídeos: “Qual é a senha do *wifi*” (NUNES, 2015); “Paródia / Haikaiss - RAP LORD part. Jonas Bento (videoclipe oficial)” (NUNES, 2017); “Tirar um *selfie*” (NUNES, 2016); “Dez pras cinco” (BUCHMANN, 2017a); “Odiei crescer” (CASTANHARI, 2016); “Paródia você partiu meu coração - stalkiei sem intenção” (BUCHMANN, 2017b); “Curtidinha - paródia paradinha” (NETO, 2017a); “Rebuliço - paródia despacito” (NETO, 2017b).

A seguir apresentamos alguns dos enunciados encontrados nas discursividades do material empírico.

⁴Todo vídeo postado no YouTube pode ser avaliado pelo expectador como “gostei”, popularmente chamado de curtir, e “não gostei”, que pode ser chamado de *unlike*, do inglês. Quanto mais um vídeo recebe curtidas, mais se torna popular, ficando em evidência no YouTube.



4. ALGUNS ENUNCIADOS QUE AUXILIAM NA FABRICAÇÃO DO DISPOSITIVO DE JUVENTUDE

Para Foucault (2008a) os discursos são práticas, eles dão sentido às coisas, articulando saberes no interior das relações de poder, constituindo os sujeitos e as subjetividades. Como os discursos formam os objetos que falam, podemos compreender que na produção da juventude enquanto objeto discursivo funciona um discurso que dá sentido a esse objeto, carregado dos saberes, poderes e verdades do seu tempo. Esse conjunto de verdades aceitas como regras em cada período histórico constituem e moldam os atos de fala e práticas dos sujeitos envolvidos por uma formação discursiva. Cabe ressaltar que o discurso é composto por duas dimensões, o visível e o enunciável, que segundo Deleuze (1996) compõem as múltiplas linhas que dão sustentação, que são as práticas discursivas e não discursivas. Podemos compreender que as práticas discursivas englobam enunciados científicos, proposições filosóficas, ditos populares, documentos legais, letras de músicas, etc. Quanto às práticas não discursivas correspondem às ações e práticas sociais que são adotadas seguindo determinadas regras de conduta que são válidas em determinado período histórico. (FOUCAULT, 2008a).

Interessa-nos, nesse trabalho, a dimensão discursiva que constitui um discurso de juventude, buscando apontar para algumas recorrências. Recorrências essas que se apoiem em saberes e relações de poder para determinar regras de conduta da juventude ou que caracterizam a juventude a partir de um determinado tipo de existência. Foucault aponta para a compreensão de discurso como “um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva [...]” (FOUCAULT, 2008a, p. 132).

Para Foucault, uma formação discursiva funciona quando for possível descrever, entre “um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade.” (FOUCAULT, 2008a, p.43). Segundo Fischer (2012), nossos atos ilocutórios estão inscritos em formações discursivas porque seguem determinados regimes de verdade, obedecendo determinadas regras vigentes em seu tempo.

Quanto ao enunciado, primeiramente, Foucault (2008a) procura demarcar didaticamente o que não é o enunciado. Segundo o filósofo, o enunciado não pode ser confundido com atos de fala, frases, proposições ou palavras. Para Foucault, o enunciado não está imediatamente visível, mas também não está oculto. Em uma análise do discurso a partir da teorização foucaultiana, cabe ao pesquisador reunir as regularidades enunciativas, estabelecendo as relações entre o material e examinar a função que esse conjunto de enunciações/proposições exerce no interior do discurso.

Segundo Fischer (2012), um enunciado, em uma vertente foucaultiana, precisa atender quatro elementos básicos para que seja possível demarcá-lo: a referência a algo que identificamos; haver um sujeito que efetivamente afirme o enunciado; não existir isolado, mas sempre em correlação e associação a outros enunciados do mesmo discurso; materialidade, ou seja, formas concretas onde ele aparece. Mapeamos nos materiais analisados os enunciados da *juventude digitalizada*, da



juventude espetacularizada e nostalgia de juventude. Neste artigo vamos apresentar o enunciado da juventude digitalizada.

Pretendemos demonstrar o quanto o dispositivo de juventude é sustentado e atravessado por este enunciado, apresentando alguns argumentos que buscam demarcá-lo. Inicialmente, vamos examinar algumas enunciações que estão presentes no material empírico que compõe o *corpus* analítico deste trabalho. Por meio do exame do material empírico procuramos demonstrar que os requisitos básicos necessários para que se constitua um enunciado (FISCHER, 2012) são satisfeitos. Paralelamente à analítica empreendida serão apresentados elementos externos ao *corpus* de pesquisa e que corroboram para as análises, ou seja, outros espaços onde o enunciado também circula. Interessa-nos olhar e analisar o quanto há uma exterioridade discursiva do enunciado, um conjunto de discursividades que o potencializam e o colocam em funcionamento para além do material aqui selecionado. Entendemos que estes dizeres estão espalhados por todo o tecido social.

O enunciado da juventude digitalizada compreende discursividades que atrelam a juventude à naturalização de artefatos tecnológicos digitais em seu cotidiano, como é o caso da internet, das redes sociais digitais e do *smartphone*, por exemplo. Nessa correnteza, aos jovens são atribuídas características de comportamento que seriam resultantes dessa hiper-conectividade, algumas das peculiaridades são a necessidade do imediatismo, a capacidade de trabalho com multitarefa, a produtividade, etc. Partindo dessa mesma compreensão de uma juventude digitalizada emergem entendimentos distintos, a respeito do que essas características produzem nos sujeitos.

Partindo da naturalização do uso desses artefatos e a adesão a tais características, muitas enunciações atribuem a esse uso um caráter negativo, pela perda do contato com outras coisas, ditas naturais ou por afirmarem que essas práticas podem gerar outros problemas, inclusive patologias. Nos excertos “*eles usam celular demais*”⁵ (NUNES, 2017), “*a infância de hoje está presa a um PC*” (NUNES, 2017), “*perdendo tempo no seu WhatsApp*” (NUNES, 2017), “*Só você não vê. O tempo que você gasta. O celular que não se afasta de você*” (CASTANHARI, 2016), podemos observar alguns exemplos no material empírico de afirmações a respeito da perda de tempo com o uso de dispositivos eletrônicos. É recorrente em muitas discursividades, no material empírico e para além dele, o aparecimento deste tipo de entendimento.

Algumas discursividades abordam dicotomicamente o mundo em relação as tecnologias digitais. Para essa correnteza discursiva existiria um “mundo real” e outro “digital”. Tal abordagem pode ser observada em “*Like é importante pra você. Viver a vida real pra quê? Troque likes pare de sofrer.*” (NETO, 2017a). Tais afirmações circulam em diversos espaços, muitas vezes apontando para a perda que se tem ao estar mais presente no mundo digital do que no real. Tal abordagem pode ser observada em “*As crianças de hoje não brincam de verdade. Só quer Snapchat, Instagram, WhatsApp.*” (NUNES, 2017). Em uma charge postada na internet pela Igreja Batista Central⁶, intitulada “Juventude Digital”, aparece um menino na rua que se depara com um pássaro, ao vê-lo o menino afirma: “*Olha mãe! um Twitter*”. A charge

⁵Frases grifadas entre aspas e em itálico são fruto da transcrição do material empírico.

⁶Fonte: <http://ibc.org.br/cr/wp-content/uploads/2013/01/charges-sb-internet-21.jpg> Acesso em: 06/09/2018.



faz referência ao reconhecimento que o jovem fez de um pássaro por meio do logotipo da rede social, o *Twitter* ao invés de reconhecer o animal – o pássaro – por sua representação na natureza. A visibilidade presente na charge está atrelada a uma discursividade que vincula a imersão em um “mundo digital” a um abandono danoso das coisas ditas naturais.

No material empírico da pesquisa podem ser observadas enunciações que apontam para a naturalização da utilização de artefatos contemporâneos pelos jovens e o quanto estes dispositivos substituem outros artefatos e tecnologias, em uma perspectiva de facilitação. Em “*Tá bem mais fácil, cara! No smartphone eu vejo tudo que eu desejo*” (CASTANHARI, 2016) e em “*YouTube é minha TV*” (CASTANHARI, 2016) podemos observar uma abordagem dos artefatos contemporâneos como substitutos de tecnologias consideradas consagradas, como a TV, por exemplo. No que diz respeito ao *smartphone* percebemos que há uma recorrência discursiva que aponta para ele como um dispositivo indispensável e polivalente, afinal é possível “fazer tudo” através dele.

A caracterização que os discursos fazem dos sujeitos carrega consigo a produção de subjetividades que atendem a tais características. Tratando-se de juventude, cultura jovem, e mais especificamente de uma juventude digitalizada, muitos artefatos, produtos consumíveis de modo geral, são produzidos para suprir essa demanda de um sujeito conectado, digital, acelerado e dinâmico. Os novos dispositivos eletrônicos prometem fazer cada vez mais funções e com melhor qualidade. O aparato que dá sustentação para que estes dispositivos funcionem se propõem cada vez mais atender demandas desse consumidor, como é o caso dos pacotes de internet e os periféricos que se conectam a esses dispositivos. Nessa correnteza, podemos perceber o quanto o enunciado da juventude digitalizada funciona no interior do dispositivo de juventude, na produção de subjetividades que consomem modos de ser.

Para Bauman (2008, p.152) a própria subjetividade se torna uma mercadoria em uma sociedade consumista, para Bauman ela “se torna uma mercadoria a ser comprada e vendida no mercado”. Consumir é a máxima de uma sociedade capitalista. Paralelo aos sujeitos produzidos pelos discursos caminha uma rede de produtores ávidos para atender/criar as necessidades de um público. O consumo não se trata apenas de bens e produtos, a cultura também é consumível. No que diz respeito à juventude digitalizada encontramos na mídia diversos espaços que pretendem entregar produtos que visam atender o que esses grupos culturais procuram. Grupos culturais como o *Nerd* e o *Geek* são constituídos e potencializados pela mídia. Tais grupos são caracterizados pelo interesse pelas novas tecnologias, em especial as que fazem uso da internet, jogos eletrônicos ou de tabuleiro, histórias em quadrinhos, livros, filmes, animes e séries. No material da pesquisa aparecem algumas enunciações que ajudam a compor essa discursividade.

“*Mas fui jogar PlayStation, e agora pra parar? [...] Uh! No décimo sono eu já devia tá. [...] Mas a minha série eu fui atualizar. [...] Era um episódio só, mas vi uns cinco.*” (BUCHMANN, 2017a). “*Passa o dia em casa jogando COD*” (NUNES, 2017). Na correnteza de suprir demandas como as declaradas nas enunciações acima funcionam diversos mecanismos, e a mídia é um deles. O programa de TV da Rede Globo denominado Zero1, menção à linguagem binária compreendida por computadores,



apresentado por Tiago Leifert é um exemplo. O programa aborda jogos, filmes, campeonatos de *eSport*, cultura pop e *Geek*. Segundo o próprio apresentador do programa, que se intitula um jovem *Geek* e *Nerd*, “[...] finalmente teremos um lugar pra conversar sobre essa cultura que envolve tantos assuntos como games, filmes, animações, *RPGs*, *HQs*, *Gadgets*, *Action Figures* e muito mais⁷”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao olhar para discursividades presentes em legislações, políticas públicas, ditos científicos, saberes pedagógicos e conteúdos midiáticos, em especial os do material empírico da pesquisa, que atravessam a juventude encontramos recorrências discursivas que possibilitaram analisar a constituição de alguns enunciados que compõe o dispositivo de juventude, a saber, o enunciado da juventude digitalizada e o enunciado da juventude espetacularizada. Tais enunciados não são dissociáveis, funcionam juntos, articulados entre si e com outros não mapeados nesse estudo. Nos vídeos analisados na pesquisa observamos que esses enunciados são reafirmados e muitas vezes podem ser encontrados juntos no mesmo material.

Nos vídeos dos youtubers analisados encontramos conteúdos que reforçam e apoiam o uso de recursos eletrônicos e de artefatos digitais, inclusive a produção e exposição de conteúdo midiático para esses espaços, e também materiais que criticam tais posturas, apontando-as como nocivas. Foi possível observar, em alguns materiais, a defesa acerca de condutas de juventudes ditas de outro tempo em contraste com outros que apontavam para a juventude atual como a melhor a ser vivida, inclusive esse antagonismo foi observado em materiais do mesmo youtuber. Esses aspectos corroboram com o entendimento de que uma multiplicidade de sujeitos são atravessados pelos enunciados e constituídos por eles, adotando discursividades que podem responder a um ou vários deles.

As análises e discussões que propusemos nesta empreitada podem auxiliar na compreensão de aspectos importantes sobre a juventude que podem subsidiar outros docentes e pesquisadores em suas práticas, tornando-as, sobretudo, menos perversas e cheias de verdades absolutas.

6. REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? **Outra travessia**, n.5, p.9-16, 2005.

ANDRADE, Paula Deporte de. A invenção das pedagogias culturais. In: CAMOZZATO, Viviane Castro; E CARVALHO, Rodrigo Saballa; DE ANDRADE, Paula Deporte.

Pedagogias Culturais: a arte de produzir modos de ser e viver na contemporaneidade. Curitiba: Appris editora, 2016.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e processos de escolarização**: uma abordagem cultural. 2008. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

⁷Fonte: Disponível em: <<http://ego.globo.com/televisao/noticia/2016/10/tiago-leifert-vai-comandar-zero1-o-novo-programa-geek-da-globo.html>>. Acesso em: 06 set. 2018.



- BAUMAN, Zigmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2008.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2016.
- BUCHMANN, Kéfera. **Dez pras cinco - Paródia Despacito / Luis Fonsi ft. Justin Bieber**. 2017a. (3m10s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DLbDdOkdBaY>>. Acesso em: 07 abr. 2020.
- BUCHMANN, Kéfera. **Paródia você partiu meu coração - stalkiei sem intenção (ft. Christian e Castanhari)**. 2017b. (3m41s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Tw2ECcrtpcg>>. Acesso em: 07 abr. 2020.
- CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: Dp&A, 2005.
- CASTANHARI, Felipe. **Odiei Crescer Paródia Tiago Iorc - Amei Te Ver - Ft Kefera e Christian**. 2016. (4m15s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7sNQ4PCng0I>>. Acesso em: 07 abr. 2020.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Belo Horizonte: Vega Ltda., 1996.
- FISCHER, Rosa. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- FISCHER, Rosa. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p.151-162, jan./jun. 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.
- FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de R. C. de M. Machado e E. J. Morais. Rio de Janeiro: Nau, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015a.
- FOUCAULT, Michel. Sobre a História da sexualidade. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015b. p.363-406.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.
- FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In.: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.
- MARCELLO, Fabiana. Sobre os modos de produzir sujeitos e práticas na cultura: o conceito de dispositivo em questão. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, p.226-241, 2009.



NETO, Felipe. **Curtidinha - Paródia Paradinha / Anitta**. 2017a. (2m26s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OYFaQ4U6dzo>>. Acesso em: 07 abr. 2020.

NETO, Felipe. **Rebuliço - Paródia Despacito**. 2017b. (4m15s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wzOhK0e4TfU>>. Acesso em: 07 abr. 2020.

NETO, Mário Thiago. **O dispositivo de juventude e as políticas públicas no Brasil**. 2015. 73 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 2015.

NUNES, Windersson. **Qual é a senha do wifi - Paródia Adele - Hello**. 2015. (4m41s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tWs1E2BfNZE>>. Acesso em: 07 abr. 2020.

NUNES, Windersson. **Paródia /Haikaiss - rap lord part. Jonas Bento**. 2017. (5m02s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3Zy6ai9jtgY>>. Acesso em: 07 abr. 2020.

NUNES, Windersson. **Tirar um selfie | paródia love yourself - Justin Bieber**. 2016. (3m44s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kPd3zaOfnVw&t=81s>>. Acesso em: 07 abr. 2020.

Submetido em: **12/02/2020**

Aceito em: **30/04/2020**